

Mary Oliveira

SRTA. WRIGHT

2020

3DEA Editora

Prólogo

O estrondo da primeira explosão reverberou em toda a boate, estremecendo a parede às costas de Audric e o chão sob seus pés. Apesar da distância do fogo, o cheiro de fumaça começava a invadir suas narinas e se acentuava a cada segundo que passava. Ele sabia que as chamas que agora consumiam a cozinha no térreo, intensificadas certamente pelo gás encanado lá, logo chegariam ali.

— Puta merda! — Seu parceiro xingou ao seu lado.

Bruce recarregou uma arma e ergueu os olhos para fitá-lo. Apesar da calma fria que os dois mantinham em missões como aquela, suas respirações agora eram pesadas, estavam tensos com o rumo que aquela noite havia tomado. Em lados opostos da entrada do escritório da boate, eles trocaram um aceno antes que Audric se movesse e atirasse na maçaneta trancada, chutando-a em seguida.

O baque violento da porta abrindo se perdeu em meio aos estampidos sucessivos dos disparos, que forçaram Audric a impulsionar o corpo para o lado, com agilidade, chocando suas costas à parede e saindo da linha de fogo. Ele ainda pôde ouvir o zumbido de uma das balas atravessando o ar, próximo à sua cabeça.

Não foi atingido por muito pouco.

Numa reação instintiva, voltou a engatilhar sua arma e encarou seu melhor amigo, que o avaliava, tentando identificar algum ferimento. Os dois acenaram simultaneamente para informar que estavam bem.

Quando o fogo cruzado começou entre Audric, Bruce e os criminosos no escritório, disparos reverberavam no prédio como em um campo de batalha. O som ensurdecedor das balas se misturava com os gritos de delinquentes e policiais, com os novos estrondos e com os estilhaços das vidraças que separavam os ambientes da boate.

O caos estava instalado.

Audric já sentia seu coração pulsar em seus ouvidos e o calor criar filetes de suor em seu rosto e costas quando houve uma queda de energia. Ele emitiu um palavrão em voz baixa, enquanto recarregava sua arma e se forçava a adaptar sua visão à escuridão. Os disparos, aos poucos, cessaram.

O fogo começava a se espalhar pela boate. Além das silhuetas sinistras que criava no corredor em que Audric estava com Bruce, o cheiro de fumaça também era mais forte e o instinto natural de autopreservação fazia a urgência de sair dali se tornar maior. Mas Audric não sairia até ter feito o que precisava fazer. Aquela era sua única chance.

Após segundos de silêncio, em que eles ficaram atentos apenas aos sons no escritório e no andar de baixo, Bruce assoviou uma vez, chamando a atenção de Audric. Era um código que eles compartilhavam desde que saíram da academia de polícia e se tornaram parceiros, há mais de dez anos. Ciente do que o sinal indicava, Audric retribuiu o som e contou mentalmente até cinco.

Os dois se moveram juntos para frente da porta e entraram. A escuridão dificultava a distinção dos móveis, mas frestas de luz pálida adentravam a sala através de uma persiana entreaberta, iluminando vagamente alguns locais, permitindo que Bruce e Audric

confirmassem que não havia outra porta na sala, nem qualquer armário. A conclusão óbvia a que chegaram foi que os criminosos só poderiam ter se escondido atrás de uma mesa virada, que estava do outro lado do aposento, à frente da janela.

Alertas a tudo na sala, eles se afastaram para cercar os desgraçados. A tensão era quase tangível, aumentava a pressão cardíaca dos dois e crescia como uma contagem progressiva para um fim desconhecido e iminente. Os ruídos de vidro e cerâmica se estilhaçando sob suas botas pareciam se amplificar no escritório silencioso, embora, fora dele, ainda houvesse um pandemônio.

A mesa foi contornada com agilidade, mas não encontraram ninguém atrás dela.

Audric e Bruce se entreolharam.

Ambos sabiam que tinham sido enganados, por isso seus ouvidos se apuraram ainda mais, atentos a qualquer ruído diferente.

Um *crac* às costas de Audric o fez se voltar para a entrada do escritório, com a arma engatilhada, mas seu braço foi atingido por um chute, que a fez voar para longe.

As lâmpadas piscaram vezes seguidas, criando novas sombras e formas oblíquas para alguns objetos, possibilitando que Audric enxergasse o seu oponente armado com um bastão e, com sua visão periférica, pudesse ver Bruce atirar em um criminoso e engatar numa luta corpo a corpo com outro.

A escuridão se estabeleceu mais uma vez.

Antes que pudesse identificar a silhueta do bastão prestes a atingi-lo, Audric sentiu a força do movimento de seu adversário cortando o ar em sua direção e só teve tempo de erguer o braço esquerdo e avançar sobre ele, para receber o golpe, diminuindo seu impacto e desviando-o de sua cabeça. Estando próximo do filho da puta, ele conseguiu acertá-lo na virilha, usando o joelho, e desarmá-lo, forçando o braço dele em um ângulo doloroso, a tempo de ouvir dois disparos.

Sua respiração ficou presa.

Enquanto tentava imobilizar seu oponente, seus olhos varreram o escritório em busca de seu amigo e encontraram-no no chão, sobre o seu próprio oponente. Ambos imóveis.

— Bruce! — Audric o chamou, forçando o criminoso sob seu poder a ficar quieto, aumentando o aperto de seu braço na garganta dele. — Bruce!

Mais três tiros foram disparados.

Bruce foi empurrado para o chão. Seu corpo saiu de cima do criminoso e caiu com um baque seco.

As luzes voltaram a piscar.

O tempo ficou suspenso.

Audric viu seu melhor amigo com os olhos azuis abertos e sem foco, o corpo imóvel... Sem vida... Ele o viu...

Então a escuridão voltou a engoli-los.

Um

Rajadas de vento frio atravessavam a Avenida 13, naquela madrugada, conferindo a ela um clima ainda mais mórbido que o assassinato que ocorrera ali há menos de uma hora.

Os policiais que chegaram há pouco não pareceram se abalar de nenhuma maneira. Nem pelo frio insuportável, tampouco pelo assassinato.

O delegado¹ Audric Armstrong avaliava o corpo da vítima aos seus pés com uma expressão impassível. Analisava toda a cena do crime em silêncio. Seu instinto lhe dizia que algo estava errado. E não costumava desacreditar nele.

A vítima foi baleada com um tiro certo no meio da testa. A partir do local da bala, o objetivo do atirador era óbvio, mas aquele não era o tipo de homem que costumava frequentar essa avenida, estava relativamente bem vestido para isso.

Roupas de grife, boa aparência, cara de riquinho. Talvez algo além de diversão barata o tenha trazido até aqui. O delegado cogitou.

Era certo que, em breve, haveria algum familiar desesperado à procura dele e o circo seria ainda maior se suas suspeitas estivessem corretas.

— Temos testemunhas? — perguntou tão logo voltou a fitar seu melhor detetive, que estava a alguns metros do corpo, do lado oposto a Audric.

— Uma prostituta — Peter respondeu após fazer algumas anotações, em um bloco de papel que carregava sempre consigo. — O dono do prédio informou que ela estava trancada no quarto. Ao que parece, a vítima a deixou lá.

O delegado franziu a testa ao ouvir a resposta, pensando no motivo para ela ter sido deixada trancada, mas, ao fitar o detetive, a sombra de um sorriso dissimulado era vagamente contida em seus lábios.

— Ela estava com ele? — indagou com sarcasmo. — Eu realmente não entendo a maioria desses riquinhos. Desprezam tanto a classe mais baixa e depois vêm a lugares como esse para esquecer suas vidinhas frívolas e trabalhos chatos.

Peter revirou os olhos e ignorou o comentário. Conhecia Audric desde que se entendia por gente e sabia que o humor mordaz dele não tinha nada a ver com aquele crime. Ainda que o delegado não houvesse dito, apenas o fato de ter decidido atender esse chamado, quando isso não fazia parte do seu trabalho usual, era suficiente para que Peter soubesse que ele quis uma distração. Estava claro que, depois do que houve há dois anos, ele finalmente seria forçado a tirar férias.

E que estava furioso por isso.

— Vamos lá falar com a testemunha — O delegado disse e o detetive o levou para o hotel de quinta, o maior daquela avenida.

¹ Usarei o termo “delegado” para me referir ao que, nos EUA, conhece-se como “Captain”. Neste caso, por escolha minha, o que chamamos aqui de “delegado” está na posição de chefia de um “precinct” (delegacia). Enquanto o seu superior será o “delegado administrativo” (Assistant of Chief).

Enquanto atravessavam a rua, Audric observava o prédio decadente para o qual se dirigia. A tinta lascada, o lodo nas paredes e o cheiro horrível de lixo e morte incidiam nele uma sensação inquietante de familiaridade que ele preferiu suprimir.

— Ela está no último andar, se chama Victoria, mas, pelo que pude entender, todos a chamam de Tory. Pedi que um policial ficasse com ela — Peter avisou, arrancando-o de seus pensamentos após indicar, com uma das mãos, as escadas. — Preciso terminar de falar com os funcionários da recepção.

Audric não disse nada ao seguir escada acima sozinho. Quando chegou ao último degrau, avistou um de seus policiais parado à frente de uma porta, fazendo guarda. Ao vê-lo, o policial se empertigou e o cumprimentou.

A primeira coisa que viu no local insípido foi a testemunha. Ela fingia observar o movimento da avenida através da janela e não o encarou, mas não passou despercebido ao delegado o estremecimento que atravessou o corpo dela após o baque surdo da porta ao ser fechada.

Um olhar rápido, mas minucioso, no quarto, em busca de alguma coisa fora do lugar, de qualquer vestígio de que houvera uma briga que pudesse ter ligação com a morte da vítima, não lhe ajudou muito. Não havia nada além da cama e de uma mesa de cabeceira vazia. Não havia porta no banheiro e, de onde estava, Audric podia ver que não era muito diferente do quarto: apertado e sujo. Sua atenção se deteve, então, na mulher que permanecia de costas para ele.

Ela usava um vestido vermelho e curto, que aderira ao seu corpo voluptuoso e, provavelmente, era o responsável por estar abraçando a si mesma, como uma tentativa ineficaz de diminuir o frio. Os cabelos loiros estavam presos em um rabo de cavalo desleixado, como se não tivesse tido muito tempo ou paciência para prendê-los de modo diferente.

Avaliar a postura dela não era difícil. Tory não o encarou, sequer tentou dizer alguma coisa ou se mover de onde estava. Ou temia aquela conversa porque sabia de algo, ou porque havia feito algo.

Nenhuma das hipóteses explicava apenas o motivo de ela ainda estar ali.

— Senhorita, eu me chamo Audric Armstrong, sou delegado da unidade policial de Fitzgerald e estou aqui para lhe fazer algumas perguntas.

O único movimento que ele identificou vindo dela foi um engolir em seco. Parecia que ela tentava se livrar de um nó que travava sua garganta e impedia que palavras fossem proferidas. Surpreendentemente, antes que ele dissesse algo mais, ela sussurrou, num timbre suave, mas não livre de instabilidade.

— Eu já contei tudo o que aconteceu.

— Não para mim — Audric respondeu, sem se preocupar em ocultar seu descontentamento com a resposta esquiva. Estava pronto para iniciar as perguntas que já haviam se formado em sua mente quando a mulher, do outro lado do quarto, decidiu mover-se para finalmente encará-lo.

Um momento de assombro e hesitação foi compartilhado pelos dois ao se fitarem.

— Eu não vi nada — ela iniciou após se recuperar. — Fui forçada a aguardá-lo quando ele saiu em busca de outra mulher, porque ele já havia me pagado e queria garantir

que eu não iria embora antes de cumprir o serviço. Sequer cheguei a fazer o programa. Depois que ouvi o tiro, corri para a janela, para ver o que havia acontecido, e ele já estava jogado naquela rua, morto... Não sei de mais nada, não poderia... — E ela continuou falando, tão guiada pelo próprio desespero que sequer notou o modo com que Audric a encarava.

Totalmente perturbado.

O rosto alvo e de traços suaves junto aos olhos azul-turquesa desencadearam um turbilhão em sua mente, num espaço de segundos, e restituíram memórias anteriormente absorvidas pelo buraco negro de seu inconsciente.

Audric lutou em vão contra aquela enxurrada de pensamentos confusos, imagens distorcidas e lembranças desconexas. Tentou organizá-las, compreendê-las, mas apenas uma em especial pareceu caber, de forma coerente, em um ponto de seu passado.

Os gritos. As explosões. O fogo.

— Eu só quero ir embora — Ela finalizou o que dizia; os olhos azuis injetados de lágrimas, a respiração pesada após tudo o que dissera. Estava exausta por toda a situação.

Vê-la daquela maneira era tão insuportavelmente familiar para Audric que ele não soube como tirar os olhos dela, mesmo quando ela voltou a desviar o rosto para limpá-lo.

A mente dele se transformou em um caos. De maneira inútil, ele tentava descobrir como a mulher a sua frente, completamente desconhecida, poderia despertar suas lembranças. Sobretudo no que se referia àquela missão.

Audric não lembrava de muito dela desde que acordara em um hospital, dias após o desfecho trágico daquela noite. Por mais que tentasse, não conseguia recordar nada relevante do que acontecera lá. Por que infernos *ela* revolveu parte das suas lembranças?

Dois

Tory estava nervosa. Assustada. Ainda chocada com o que vira há pouco mais de uma hora. E a amedrontava a simples possibilidade de ser levada à delegacia, para dar um depoimento oficial, embora estivesse ciente de que esse era um procedimento padrão, principalmente porque ela fora a última pessoa a estar com a vítima ainda viva.

Seu corpo voltou a tremer quando a porta foi aberta e um baque surdo ecoou mais uma vez, em todo o quarto, no momento em que foi fechada. Ouviu outra voz masculina, esta mais suave, diferente da voz grossa e intimidante do delegado.

Tory alisou os braços nus devagar, tentando espantar o frio insuportável daquela época do ano, e respirou fundo, como se, assim, pudesse alcançar alguma calma. Precisava ser forte, especialmente porque tinha que pensar em algo que impedisse aquele delegado de prendê-la por prostituição. A dúvida que vira nos olhos dele há pouco já lhe dissera que ele não acreditara em suas desculpas para justificar a mentira de não ter visto nada, então talvez... Apenas talvez, ele se dispusesse a um acordo.

Mesmo que isso significasse contar o que vira e se envolver ainda mais naquela história, Tory não tinha opção. Se fosse presa, descobririam que não era cidadã estadunidense e sua situação se complicaria em um nível que não seria capaz de resolver. Além disso, *precisava* estar em casa antes do amanhecer, Courtney havia avisado que precisaria sair mais cedo naquela noite.

— Sim — Ouviu o delegado dizer para o outro homem que havia entrado ali. Levada pela curiosidade aguçada pelo tom dele, ela o fitou por cima do ombro, a tempo de ouvi-lo dizer: — Vamos levá-la para a delegacia agora.

Quando os olhos negros dele migraram para ela e a fitaram com intensidade, diferente de antes, Tory não foi capaz de desviá-los. Seu coração passou a bater mais fortemente no peito, à medida que os segundos se passavam e sua atenção permanecia presa por eles, como se os dois procurassem respostas para perguntas não feitas. Como se o perscrutando daquela maneira, ela conseguisse entender por que aquele homem que, à primeira vista, a assustara, agora lhe causava um efeito contrário. De magnetismo.

Tory inspirou fundo enquanto analisava o rosto másculo, sombreado pela barba grossa dele, e se forçou para redirecionar seus pensamentos para o que era importante agora: se livrar daqueles policiais.

Torceria para que o delegado estivesse mais disposto a ter informações sobre o assassino que prender uma mulher por prostituição.

Três

A delegacia de Fitzgerald hoje não passava de um prédio de dois andares, deteriorado pelo tempo e sem qualquer esperança de ter alguma reforma tão cedo.

Apesar de tudo pelo que a cidade passara nos últimos anos, Tory gostava dela. Detroit havia sobrevivido à ganância do ser humano, à maldade do homem, às perdas irreparáveis e continuava existindo. Ela se identificava.

O delegado deixou a viatura da polícia e se afastou para conversar com outros policiais, deixando-a sozinha no carro, salva do frio cortante da madrugada. Seguindo uma orientação anterior de Audric, ela aguardou que ele a chamasse e o observou à distância.

Tory sabia que aquela postura dura, olhos intimidantes e feição sisuda não eram intrínsecos apenas a ele, mas sim, à maioria dos homens que, como ele, viam situações horríveis todos os dias e, às vezes, precisavam mediá-las.

Contudo, sabia também que havia algo nele, inerente apenas a ele, que, naquela última hora, a deixou curiosa. Não podia dizer que o conhecia ou algo do tipo, pois sabia que não, mas... *Infernos, sequer conseguia explicar para si mesma o motivo daquele homem lhe chamar a atenção.*

Com cerca de um metro e noventa, ele era muito mais alto que ela, muito mais forte também. Talvez por isso tenha se assustado quando o vira naquele quarto minúsculo, ocupando o espaço de dois homens de tamanho normal. Audric tinha ombros largos, braços e coxas fortes e capazes de fazer qualquer mulher se sentir protegida... ou excitada. Mas nada disso importava a ela; lembrou a si mesma. *Nada disso deveria importar a ela.* Ele ainda era um delegado, ainda era o homem que poderia prendê-la, ainda era alguém que ela precisava manter longe. Nenhuma curiosidade ou interesse mudaria isso.

Quando ele a fitou por cima do ombro do policial, como se soubesse que, desta vez, ela o observava, Tory sentiu um arrepio subir desde a sua espinha, como uma carícia suave que retesa o corpo antes que ele se acostume a um toque novo.

Os olhos negros dele não desviaram dos seus e, mesmo sem saber o motivo de continuar sustentando aquele olhar, pois não fazia a mínima ideia do que diabos ele procurava nela com tanta insistência, Tory permaneceu onde estava, sentada e incapaz de desviar sua atenção do que já a assustara e atraía além do que poderia ser considerado seguro para uma única madrugada.

— Vamos. — O detetive, que, há menos de duas horas, se apresentou como Peter O'Connor, surgiu a sua frente, ocultando o delegado de sua vista, enquanto abria a porta da viatura para ela e a ajudava a sair.

Peter era franzino, no entanto tinha traços fortes, um olhar perspicaz, olhos verdes atentos e, ela desconfiava, um cérebro que trabalhava mais rápido que o de qualquer outro homem ali.

Era jovem. Provavelmente era novo naquele cargo e, por isso, fora educado e lhe estendera um lenço quando adentrara o quarto do hotel há mais de uma hora, para falar com o delegado, e percebera que ela estava chorando. Havia se apresentado e feito poucas

perguntas quando ainda estavam naquele hotel e veio em outra viatura, após o corpo da vítima ser levado para o necrotério.

Talvez fosse um descuido, mas uma parte dela acreditava que podia confiar nele, ou, pelo menos, que a gentileza com a qual ele a tratara pudesse se estender à bondade. Sabia que estava em desvantagem ali e, mesmo ciente de que poderia se ferrar ainda mais, seria com ele que tentaria fazer um acordo. Em pouco tempo, o detetive se mostrou muito mais razoável que o delegado.

— Deixe comigo, Peter — A voz grossa e já familiar soou no corredor, sobressaltando Tory, que parou de andar e se voltou para ele perplexa. — Eu cuido do interrogatório dela. Converse com o dono do hotel.

Apesar de tentar não demonstrar, ela duvidou que fosse tão boa em disfarçar como se sentia com a simples possibilidade de ser interrogada pelo delegado. Sua mente gritava perigo de todas as maneiras e em todos os códigos possíveis, enquanto seu corpo tensionava à medida que o via cortar a distância entre eles.

Mantenha a calma. Ela repetia para si mesma ao ver Peter se afastar.

Quando o delegado segurou um de seus braços com firmeza e começou a guiá-la através do corredor, Tory tentou se desvencilhar do toque dele. Precisava impor distância física entre os dois, primeiro, porque já havia sido tocada por homens que não queria naquela madrugada e não estava disposta a aceitar o toque de outro, segundo, porque percebeu que ele conseguia desestabilizá-la com mais facilidade quando a tocava.

— Não precisa me segurar, eu não vou fugir de você — ela disse, impaciente e desconfortável com a agitação que o toque dele irradiava sob sua pele. Audric escolheu aquele momento para finalmente encará-la. Os olhos negros focaram-se nela, curiosos e inquisidores, e Tory sentiu como se estivesse diante de seu advogado, juiz e carrasco. Que ele estava determinado a iniciar seu julgamento.

— É, tem razão — ele emitiu após abrir uma porta e aguardar que ela entrasse primeiro. Quando a fechou atrás de si, concluiu: — Você não vai fugir de mim.

Tory engoliu em seco.

Ao observar a sala fria de interrogatório, entendeu que o objetivo do delegado era intimidá-la e seu instinto de sobrevivência foi aguçado. Foram necessários poucos segundos a mais para ela refletir sobre a situação, sobre como agiria, o que faria e diria. Quando voltou a encará-lo, já tinha tomado algumas decisões.

A primeira delas era tirar o maldito ar superior dele. Já havia sobrevivido a muita merda para deixar aquele delegado acreditar que podia julgá-la culpada sem sequer lhe dar chance de defesa.

Sem dar a ele a oportunidade de mandá-la sentar-se, ela se acomodou sobre uma das cadeiras ali e aguardou, em silêncio, que ele fizesse suas perguntas.

— Comece contando como o conheceu.

— Na avenida — ela respondeu, olhando-o nos olhos. Em seu tom, não havia um ínfimo traço de hesitação. — A dinâmica é muito simples. O cliente se interessa, informa o que exatamente deseja, pergunta o preço e depois decide se está ou não disposto a pagar. Normalmente, quando está, acabamos fazendo o serviço em um dos quartos do Hotel do Joe. Foi o que aconteceu com esse cliente.

A despeito do fato de Audric ter semicerrado os olhos por alguns segundos, nada além disso se alterou em seu semblante.

— O que ele desejava? — ele indagou.

— Uma hora.

— Uma hora de quê exatamente?

Se o objetivo dele fora fazê-la hesitar, conseguiu, embora ela tenha se esforçado para ocultar isso.

— Sexo depravado — Tory informou, odiando o fato de essa resposta trazer lembranças bem específicas. — Comigo em todas as posições possíveis, no espaço de uma hora.

— O que ele fez primeiro, quando a levou para aquele quarto?

A pergunta trouxe um aperto insuportável à garganta dela, porque a resposta despertava outra lembrança nojenta.

O silêncio preencheu a sala como uma presença pesada, mas durou apenas tempo bastante para Tory entender o ponto de Audric.

Ele a estava desestabilizando de propósito, sabia que a faria baixar a guarda.

— Ele me beijou — ela prosseguiu, obrigando-se a permanecer estável. — Mandou que eu tirasse a minha roupa e começou a me tocar. Depois de algum tempo, recebeu uma chamada ao telefone e perguntou se o preço aumentaria se ele chamasse outra prostituta para se juntar a nós.

Audric tentou iniciar uma pergunta, mas ela o impediu e continuou falando:

— Eu concordei, mas cobre o dobro. Então, ele saiu para encontrá-la e me deixou lá.

— Há algumas horas, você disse que ele a deixou presa, porque já a havia pagado. — Ele observou.

— E foi. Sempre exijo o pagamento antes.

O delegado se aproximou de onde Tory estava e sentou na cadeira à frente dela. O tamanho dele era algo que ela não conseguiria ignorar por mais que tentasse, mas podia manter o olhar preso ao dele, como se o seu tamanho e proximidade não a atingissem de nenhuma maneira.

— Eu já disse que não vi nada. Você não pode me manter aqui porque não acredita em mim — alegou.

— Posso acreditar que tenho motivos suficientes para considerá-la cúmplice do assassino.

— Precisaria de provas pra isso, e eu duvido que tenha alguma.

Audric se inclinou sobre a mesa, aproximando seu rosto do dela.

— Limite-se a responder minhas perguntas — ele impôs. — Isso ainda é um interrogatório.

— Ou o quê? — ela perguntou, impaciente.

— Ou talvez precise da ajuda do seu cafetão para sair daqui.

Uma das sobranceiras dela se ergueu em um questionamento silencioso.

— Não tenho um cafetão — assegurou. — Considero estúpido qualquer homem que acredite que pode me intimidar por eu ser prostituta. Eu não daria esse poder a ninguém.

Audric apertou os olhos e voltou a se recostar na cadeira, analisou-a sem dizer uma palavra, como se houvesse muito sobre ela para compreender e ele precisasse de tempo para fazê-lo. Nada em seu rosto denunciava qualquer emoção, havia apenas uma neutralidade fria, que a fazia se sentir como uma bactéria desconhecida, enquanto ele desempenhava o papel de um especialista curioso.

— Sei que está mentindo — ele concluiu ao se levantar. — Você estava abalada quando a vi naquele quarto. Pela sua postura agora, eu duvido que seja sensível a ponto de se desesperar tanto pelo assassinato de um homem que não conhecia e que estava determinado a usar seu corpo como desejasse.

— Onde quer chegar?

— Você viu ou, no mínimo, sabe de algo importante. Só não quer me contar o quê.

— Não vamos chegar a lugar nenhum se continuar com isso — ela avisou.

— Provavelmente não agora, mas vou deixá-la sozinha para pensar um pouco — Audric informou, com um traço de ironia acentuando-se em sua voz. — Talvez se lembre de algum detalhe novo.

Tory se levantou agitada.

— Não pode me deixar aqui!

Um sorriso insolente surgiu nos lábios dele após abrir a porta da sala.

— É claro que eu posso. — Foi a última sentença proferida por ele, antes de sair.

Através da parede de vidros opacos da sala de interrogatório, Audric pôde observar sua testemunha por quase uma hora, até Peter descobrir que ela ainda estava lá e ir encontrá-la. O delegado sabia que deveria sair dali, tirar seus olhos daquela mulher e deixá-la de lado, mas não conseguia parar de tentar entender o que aconteceu desde que a viu, tampouco porque ela continuava a chamar sua atenção.

Sua tentativa de interrogá-la só serviu para deixá-lo mais intrigado sobre ela e tudo o que a envolvia. Ficou claro que Tory não o conhecia, porque, em todo aquele tempo, nenhum traço de reconhecimento havia atravessado seus olhos. Sentiu-a apenas irritantemente cautelosa e evasiva.

Ele precisou usar muito do autocontrole que aprendera a nutrir para ocultar de seu semblante a confusão mental que ela lhe provocou desde que a viu naquele hotel.

A possibilidade de algo nos olhos azul-turquesa, naquele rosto de traços suaves, distintos e extremamente atraentes, ter acionado em sua mente imagens daquela missão que o confundiam mais do que seria capaz de explicar... ou mesmo compreender, aumentava nele a sensação de impotência, que suprimiu por dois malditos anos, desde que descobrira a sua amnésia anterógrada².

Como diabos depois de tanto tempo forçando-se a lembrar o que aconteceu naquela noite infernal, alguém que ele sequer acreditava conhecer e que claramente não o conhecia poderia despertar suas lembranças?

— Aqui o relatório que pediu, Audric — Arth informou após parar ao seu lado e lhe estender algumas folhas de papel. — Não havia nada muito interessante. Ela nunca fora presa, sequer levava qualquer multa de trânsito.

Virando-se para fitar o seu sargento-detetive, Audric desconfiou que ele já havia bebido ao menos três xícaras de café preto nas últimas duas horas, a julgar pelo cansaço que externava. Mas o conhecia o suficiente para saber que estava sempre disposto a ajudar.

Arthur Donnelly era um dos seus homens de confiança ali e, por isso, pediu a ele que procurasse e lhe trouxesse tudo o que encontrasse a respeito da sua atual testemunha. Precisava confirmar que não havia chances de essa mulher ser o motivo da recuperação daquelas memórias, porque essa possibilidade era injustificável.

— Obrigado, Arth.

— Ela é Victoria Wright? — perguntou e Audric apenas assentiu. — Como veio parar aqui?

— É testemunha de um homicídio.

O delegado folheou as páginas e teve sua atenção desviada para a sala de interrogatório de novo, quando se deu conta de que a mulher nela estava narrando o que acontecera horas atrás.

— Porra nenhuma! — Audric grunhiu, em negação, revoltado.

— Eu sei — Arth comentou ao seu lado. — Ele é tão bom em convencer as pessoas que isso irrita.

Audric ignorou o comentário e deteve-se em Tory, como se isso o ajudasse a ouvir o que ela dizia e, ao mesmo tempo, para ignorar a raiva que insuflava nele.

Assistiu em silêncio enquanto ela contava o que vira, descrevendo toda a situação e o porquê de ter ido até a janela momentos antes do assassinato. Apesar de mostrar alguma dificuldade ao narrar o instante em que a vítima fora alvejada e morta, já que sua voz vacilou um pouco, a riqueza de detalhes de sua narração refutava qualquer desconfiança sobre ela estar mentindo.

² Amnésia anterógrada: Refere-se à perda de memória de eventos recentes, de modo que o paciente só consegue se lembrar de eventos antigos.

Tory *era* testemunha ocular do assassinato e havia *mentido*, descaradamente, para Audric, mesmo após as tentativas dele de fazê-la falar. Peter era um dos melhores para conduzir interrogatórios, mas o delegado sabia que só poderia haver um motivo para ela ter concordado em contar tudo aquilo a ele.

Ela queria algo em troca e percebeu que não conseguiria nada de Audric.

Filha da puta esperta.

Após Tory informar as características faciais que recordava do homem que havia atirado em seu cliente, Peter a deixou sozinha, informando que pediria a alguém que a levasse para casa.

Com frio e nervosa por toda a situação que passara naquela noite, e pelo receio de que descobrissem a mentira que havia contado sobre sua identidade, Tory encolheu os ombros e abraçou a si mesma; seu casaco não a estava aquecendo como deveria.

Respirou fundo algumas vezes e voltou a pedir que aquela noite acabasse.

Havia contado tudo o que vira do assassinato depois que Peter aceitou o acordo que ela propusera e prometeu que sua identidade seria preservada, que a deixaria ir embora logo depois. Esperava que ele fosse um homem de palavra e só sentiu sua tensão diminuir um pouco quando ele informou que ela estava liberada.

Olhando à sua volta, a sala vazia, exceto pela mesa pequena e as duas cadeiras que havia em sua extremidade, ela liberou o ar dos pulmões devagar. Estar sozinha era um pouco reconfortante, mas preferia estar em sua própria casa.

Sua atenção migrou para o painel opaco bem à sua frente e, mesmo sem ver quem a estava observando do outro lado, sem saber até mesmo se havia alguém ali, Tory sentiu seu coração voltar a disparar no peito.

Quando a lembrança do olhar duro e intransigente do delegado inundou sua mente, ela engoliu em seco. Um arrepio perpassou seu corpo e isso lhe deu certeza de que era ele a observando do outro lado.

Tory ainda estava irritada com Audric por ter sido tão arrogante, mas manteve os olhos presos aos vidros opacos, como se o enxergasse através deles. Estava disposta a enfrentá-lo mesmo agora, que sabia que ela havia mentido sobre não ter visto nada.

Apesar de tudo o que se passara naquela madrugada, da sensação inicial de conhecê-lo, ela percebeu que não. Não havia chances de tê-lo conhecido em algum momento de sua vida e não se lembrar dele. Aqueles olhos densos e hipnotizantes, aquela postura dura e brutal jamais seriam levados ao esquecimento.

Mas, sim, algo nele ainda a intrigava, ainda a deixava inquieta.

Segundos se passaram até que sentisse como se um tipo de ligação estática fosse desfeita e seus batimentos cardíacos voltassem à normalidade.

Com um suspiro cansado, forçou a si mesma a tirar a imagem daquele homem de sua mente. A última coisa que precisava era se sentir atraída por alguém que ficaria satisfeito em descobrir toda a teia de mentira que era sua vida e em colocá-la atrás das grades.

Inquieto, Audric quebrou o contato visual com Tory e deixou a sala em que estava como se um incêndio tivesse iniciado ali.

Ele sabia que algo queimava de fato, mas eram seus neurônios depois de toda aquela noite estranha.

A enxaqueca que sentia o fez amaldiçoar cada lâmpada fluorescente naquela delegacia enquanto avançava pelo corredor longo até chegar à sua sala.

Ao se sentar em sua cadeira e jogar a papelada entregue por Arth sobre a mesa, fechou os olhos e começou a massagear as têmporas.

As cenas que entraram em foco em sua mente o paralisaram.

Chamas flamejantes inundavam todo o salão principal da boate. A pressão cardíaca de Audric havia aumentado por causa da adrenalina, o sangue em suas veias corria ferozmente, seu corpo suava frio. Ele sentia muita dor... Não sabia como conseguia forças para continuar procurando uma saída... Estava desesperado... Algo estava inacabado, mas precisava sair dali.

Com um grunhido, ele abriu os olhos e saiu do transe. A dor era insuportável agora e sua tentativa de pensar sobre o que inundara sua mente o deixou exausto.

Odiou a sensação, o redemoinho de lembranças e o fato de não estar em condições de se forçar a compreender cada uma delas agora.

Audric tateou a mesa até chegar à extremidade e localizar as três gavetas ali. Sabia que possuía analgésicos na primeira. Foram colocados por Peter há dois anos e reabastecidos todo mês, quando suas crises de enxaqueca iniciaram.

Depois de tomar o analgésico, demorou cerca de meia hora para abrir os olhos. Uns bons dez minutos vegetando até se sentir útil para fazer algo e, por fim, quando seus pensamentos se tornaram mais nítidos, sua mente decaiu em reflexões dolorosas.

A noite da *Missão I-6* era um quadro repleto de lacunas em sua mente. A última coisa de que lembrava era ter entrado na boate em que uma perigosa organização criminosa de Detroit faria um leilão de armas e munições ilegais, usando uma festa para mascarar a coisa toda.

Audric sabia que algo dera errado. Os criminosos descobriram sobre a polícia estar lá, houve troca de tiros e muitos dos seus colegas de trabalho perderam a vida. Um incêndio se iniciara logo depois, mas essas eram as informações que obteve ao acordar no hospital, quatro dias seguintes a todo o inferno. Havia perdido a memória após ser atingido por uma das pilstras da estrutura da boate.

Não sabia o que de fato havia acontecido, tampouco o que fizera para ajudar seus companheiros, mas acordar naquele hospital dias depois de tudo, sem lembrar de nada, e descobrir que mais de dez de seus companheiros de anos estavam mortos, que seu *melhor amigo* estava morto, o destruíra.

Os dois sempre trabalhavam juntos, cobriam a retaguarda um do outro e, naquela missão, não deveria ter sido diferente. Mas foi. E Audric não sabia por que infernos havia sido.

Isso o matava.

Ele tinha certeza de que algo naquela merda toda estava muito errado e não saber o que, era um tormento.

Não entendia como, dois anos após a tragédia, conseguira o cargo de delegado. Era algo que desejava há muito tempo, afinal, trabalhava lá há mais de dez anos e já havia passado por todos os testes e provas necessários para subir de cargo, mas, depois daquela missão, acreditou que não merecia a vaga. Foi Peter a convencê-lo a aceitá-la.

Por tudo o que ainda poderia fazer por todos os que estavam vivos. Foi o que ele disse.

Algumas batidas na porta tiraram Audric de suas divagações e, sem se importar com a bagunça em sua mesa, ele liberou a entrada.

Peter abriu a porta, pôs parte de seu corpo para dentro da sala e disse:

— Preciso levar aquela testemunha para casa, mas só temos uma viatura disponível agora. Tivemos dois chamados por ataques em postos de gasolina de novo.

— Arruaceiros desgraçados! — xingou, furioso. Aqueles chamados se tornaram tão frequentes nos últimos meses que já sentia vontade de esganar os bastardos responsáveis por aquela gangue.

Numa tentativa de se acalmar para não piorar a dor de cabeça que ainda sentia, respirou fundo.

— Que acordo fez com ela para que falasse? — inquiriu ao se levantar.

Peter encolheu os ombros, ciente de que Audric não gostaria nem um pouco do que ouviria.

— A identidade dela não será revelada e não a prenderemos por prostituição.

— Eu sabia! — o delegado exclamou. — Você devia ter prendido ela de uma vez!

— Eu consegui um depoimento relevante para o caso e uma descrição que poderá ser usada para encontrar o assassino. Se ela continuasse dizendo que não viu nada, o que você poderia fazer? Prendê-la por não acreditar nas palavras dela?

Audric bufou, irritado. Tory havia dito a mesma coisa a ele. Com o mesmo tom irônico e irritante.

— Não acho que ela tenha algo a ver com o crime. E, se ela tivesse, não teria ficado naquele lugar, nem contra a própria vontade. — Fez uma pausa. — Ficarei muito ocupado agora e pedi ajuda do Arth e do Negam pra encontrar os familiares da vítima.

Não podemos ficar sem viaturas disponíveis aqui. Você poderia, por favor, levá-la em casa?

Os olhos do delegado se estreitaram. Ele sabia que aquela era sua melhor chance de descobrir um pouco mais sobre ela, de entender por que infernos ela o intrigava e perturbava com tanta facilidade, mas não via uma forma de abordá-la tão cedo depois de tê-la deixado mofando naquela sala. Ela provavelmente estaria furiosa com ele.

— A mulher se recusou a te contar algo e parece ter medo de você, Audric — Peter prosseguiu. — Acha que eu pediria que a levasse se tivesse outras opções? Além do mais, seu turno termina em menos de meia hora.

— Vá se ferrar, Peter! — xingou-o.

Nos últimos dois anos, Peter esteve em seu pé para cumprir seus horários e não virar o turno. Audric desconfiava até que suas férias forçadas foram sugeridas por ele, que, há meses, estava preocupado com sua saúde. Por mais que odiasse isso, estava ciente de que ele só agia dessa maneira porque vira Audric ficar semanas internado, recuperando-se dos ferimentos daquela missão e do aneurisma que tivera após acordar no hospital.

Durante quase vinte anos, Audric fora como um pai para Peter, por isso o cuidado irritantemente excessivo dele era compreensível agora.

— Seu silêncio indica um sim, não é? — o detetive indagou, determinado a encerrar a conversa. — Muito obrigado, Audric! A testemunha está na sala de interrogatórios. — E deixou a sala antes que recebesse alguma negativa.